



Universidade Federal de Ouro Preto-UFOP
Centro Desportivo – CEDUFOP
Licenciatura em Educação Física



Monografia

**A Agressividade e o *Bullying* na Educação Física Escolar: uma
revisão de literatura**

Tainara Rita Auxiliadora Tomás

Ouro Preto-MG

2016

Tainara Rita Auxiliadora Tomás

**A Agressividade e o *Bullying* na Educação Física Escolar: uma
revisão de literatura**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à disciplina EFD380 - Seminário de Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Educação Física-Licenciatura da Universidade Federal de Ouro Preto como pré-requisito parcial para aprovação na mesma.

Orientador: Prof. Dr. Emerson Cruz de Oliveira

Ouro Preto-MG

2016

T662a Tomás, Tainara Rita Auxiliadora.

A agressividade e o bullying na educação física escolar: uma revisão de literatura [manuscrito] / Tainara Rita Auxiliadora Tomás. - 2016.

41 f.

Orientador: Prof. Dr. Emerson Cruz de Oliveira..

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura) -Universidade Federal de Ouro Preto. Centro Desportivo da Universidade Federal de Ouro Preto. Curso de Educação Física.

Área de concentração: Educação Física Escolar

1. Violência escolar. 2. Bullying nas escolas. 3. Educação física escolar. I. Oliveira, Emerson Cruz de. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título

CDU:796:37

Fonte de Catalogação: SISBIN/UFOP



UFOP

Universidade Federal de Ouro Preto
Centro Desportivo
Educação Física- Bacharelado



“A Agressividade e o *Bullying* na Educação Física Escolar: uma revisão de literatura”

Autora: Tainara Rita Auxiliadora Tomás

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para obtenção do título de graduação em Educação Física - Licenciatura da Universidade Federal de Ouro Preto, defendido e aprovado em 02 de agosto de 2016 com banca examinadora composta pelos professores:




Prof. Dr. Emerson Cruz de Oliveira

Orientador



Prof. Dr. Paulo Ernesto Antonelli

Membro da Banca
CEDUFOP



Prof. Dr. Adailton Eustáquio Magalhães

Membro da Banca
CEDUFOP

DEDICATÓRIA

A Deus, por seu infinito amor e pela força que me dá todos os dias para seguir em frente, diante das adversidades;

aos meus queridos pais, Efigênia Maria Tomás e Francisco Tomás, pelo amor incondicional, sem vocês eu não seria nada;

aos meus irmãos José Alexssandre (que estará sempre presente) e Gleidson pelos conselhos, amor e parceria;

à minha família, por sempre me apoiarem nos momentos bons e de tempestades;

aos meus queridos amigos de vida e faculdade;

as minhas queridas amigas e irmãs Narjara Silveira e Cristina Lara de Almeida, Diana Elisabeth pela companhia, amizade, conselhos e amor;

aos professores do CEDUFOP e UFOP, que contribuíram diretamente para a minha formação profissional e pessoal nesta trajetória;

ao meu orientador Emerson Cruz de Oliveira pela dedicação e crédito no meu trabalho;

enfim, a todos, que direta ou indiretamente, contribuíram para que eu chegasse até aqui: muito obrigada!

“Educação não transforma o mundo.
Educação muda as pessoas.
Pessoas transformam o mundo.”

Paulo Freire

RESUMO

É sabido que os comportamentos agressivos e o *bullying* afetam a sociedade em diversos aspectos. Mostra-se inerente a colaboração de todos envolvidos pela busca de soluções para minimizar os efeitos desses dois fenômenos. A escola deve assegurar o direito do desenvolvimento integral, tanto em aspectos físicos, psicológico, intelectual e social, mas tem-se observado a escassez de programas e estudos relacionados nessa área para identificar, prevenir e combater esses dois males. Nesse sentido o presente trabalho objetivou estudar as diferenças entre os tipos de agressividade e o fenômeno *bullying* e as reais consequências que estes podem trazer para a comunidade escolar e a sociedade em geral, além de reunir informações sobre a colaboração que a Educação Física pode apresentar no enfrentamentos desses dois problemas. Este trabalho é uma revisão de literatura onde a busca consistiu em artigos e livros nacionais.

Palavras-chave: agressividade, *bullying*, Educação Física.

ABSTRACT

It is known that aggressive behavior and bullying affect society in many ways. It is shown inherent in the collaboration of all involved in the search for solutions to minimize the effects of these two phenomena. The school must ensure the right of integral development, both in physical, psychological, intellectual and social, but has seen a shortage of related programs and studies in this area to identify, prevent and combat these two evils. In this sense, the present study investigated the differences between the types of aggression and bullying phenomenon and the real consequences that these can bring to the school community and society in general, as well as gather information about the collaboration that physical education can present in clashes of these two problems. This work is an literature review where the search consisted of articles and national books.

Keywords: aggressiveness, *bullying*, Physical Education

LISTA DE ABREVIATURAS

ABRAPIA: Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e a Adolescência.

EF: Educação Física.

CONFEF: Conselho Federal de Educação Física.

RPG: Role playing game.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
1.1 Justificativa	10
1.2 Objetivos	11
1.2.1 Objetivo Geral.....	11
1.2.2 Objetivos Específicos	11
2. METODOLOGIA	12
3. REVISÃO DE LITERATURA.....	13
3.1 Agressividade	13
3.2 Tipos/categorias de agressividade.....	17
3.3 Agressividade, <i>Bullying</i> e a Educação Física Escolar.....	23
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS.....	36

1. INTRODUÇÃO

A escola é um ambiente de comunicação e transferência de conhecimentos, onde se ensina e se trabalha a educação. A educação é reflexo da cultura e nesse sentido, Fourquin (1993), explica que, no sentido amplo, a educação pode ser vista como formação e socialização do indivíduo. A educação pode também se restringir unicamente ao domínio escolar, nesse caso, deve-se entender que a educação é sempre educação de alguém por alguém, ela supõe que necessariamente exista comunicação, transmissão, aquisição de algo: conhecimentos, competências, crenças, valores que constituem “conteúdo” da educação.

Um fenômeno que afeta educação é a agressividade, mesmo sendo ela uma característica intrínseca dos seres vivos. Quando se considera o ser humano, a agressividade pode ser usada como meio de demonstrar poder. Diferente dos outros seres vivos, o homem devido a sua evolução, atingiu um nível de socialização e intelectualidade nos quais alguns instintos foram melhor controlados, mas independentemente disso, em algum momento, principalmente pela necessidade ou devido a alguma frustração, instintos que afloram a agressividade emergem e o homem passa a agir pela emoção, deixando a razão de lado.

Comportamentos agressivos tanto em ambientes escolares quanto em outros espaços trazem prejuízos sociais e acadêmicos entre os jovens. Cada vez mais vê-se nos noticiários crianças desrespeitando normas, agredindo pais, irmãos, colegas ou professores. Com essa situação as crianças passam a se desvincular do seu próprio eu porque acabam sendo classificadas como crianças “problemas” “difíceis” ou “doentes” (ANDRADE, 2007).

O Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), prevê os direitos ao respeito, a dignidade e a educação para promoção do pleno desenvolvimento da pessoa e do seu exercício de cidadania. Entretanto esses direitos não estão totalmente assegurados, pois a escola tem se tornando uma ambiente tão violento que as vezes não pode mais ser vista como um espaço saudável e seguro onde crianças e adolescentes desenvolvam suas capacidades intelectuais e sociais.

A agressividade pode ser caracterizada quando alguém acaba por ferir outra pessoa seja da forma física ou psicológica e as vezes pode ocorrer sem que o agressor tenha a intenção. Já o *bullying* pode ser considerado uma evolução da

agressividade pois ocorre repetidas vezes por um indivíduo ou um grupo de indivíduos sempre com a mesma pessoa.

Esses dois problemas atingem todas as disciplinas escolares. Trabalhar em conjunto é um passo importante para prevenção e o combate a ambos. A identificação dos níveis e os papéis que cada um que se envolve com o *bullying* é o passo crucial para a prevenção. Trabalhar conceitos de ética também são fundamentais para a prevenção desses males.

O impacto que a agressividade e o *bullying* causam na escola e na vida dos estudantes são grandes e às vezes as consequências podem ser extremas. O trabalho no combate a esses males que afetam a sociedade, deve ser realizado de forma contínua pela escola, alunos, professores, pais e toda comunidade escolar.

Jogos competitivos são muito importantes para se aprender a ser ganhador e perdedor, mas o professor deve tomar cuidado com esse jogos para não acabar excluindo os alunos menos habilidosos e assim motivando o *bullying*. Já os jogos cooperativos nas aulas de Educação Física há um respeito e leva os alunos a pensar que precisam um dos outros para alcançar o objetivo. Correia (2006), defende a importância dos jogos cooperativos, pois estes expressam os valores que o ser humano precisa desenvolver para viver em um ambiente mais prazeroso, onde exista mais solidariedade, cooperação e preocupação com o próximo.

As informações que compõem este trabalho, buscam descrever a agressividade em diversos tipos de ambientes e sua ligação com o fenômeno *bullying*. Busca também descrever como a Educação Física pode atuar na prevenção e combate da agressividade e do *bullying*.

1.1 Justificativa

A agressividade e o *bullying* vem sendo investigados em várias áreas de estudo como pedagogia, antropologia, psicologia, biologia, sociologia, cada uma com sua perspectiva. O mesmo estudo ainda é insipiente na área da Educação Física, então reunir informações sobre esses fenômenos na área da Educação Física e estudar suas possíveis contribuições para o combate da agressividade e do *bullying* nas escolas, justificam o presente trabalho.

1.2 Objetivos

1.2.1 *Objetivo Geral*

Realizar uma revisão de literatura sobre aspectos relacionados à agressividade e à ocorrência do fenômeno do *bullying* na Educação Física escolar.

1.2.2 *Objetivos Específicos*

- Identificar aspectos relacionados à agressividade e à ocorrência do fenômeno do *bullying* na Educação Física escolar.
- Identificar como são caracterizados os sujeitos envolvidos com o *bullying*.
- Estudar as estratégias de enfrentamento adotadas pela escola no combate ao *bullying*;
- Demarcar as consequências do *bullying* na Educação Física escolar.

2. METODOLOGIA

Esta pesquisa é de cunho bibliográfico. Por isso o estudo será desenvolvido de acordo com o conceito de pesquisa bibliográfica estabelecido por Thomas, Nelson, Silverman (2008), que diz que a pesquisa bibliográfica, é, uma visão abrangente de achados relevantes, mostra a evolução do conhecimento, e, resume o que é realmente importante sobre o tema em questão.

Esta pesquisa é de cunho exploratório e de abordagem qualitativa. O estudo será desenvolvido através de revisões de livros e artigos com coletas de dados/informações, que segundo Gil (2008, p.50), “(...) é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído de livros e artigos científicos”.

Para a seleção de fontes, foram usados como critério de inclusão os trabalhos que abordassem a agressividade e o *bullying* na escola. Para a pesquisa dos periódicos, foi usado o portal de periódicos da CAPES e o site “Google Acadêmico” como fonte de pesquisa para a busca dos trabalhos. Também foram feitas pesquisas em livros da biblioteca da UFOP.

Os artigos que passaram pelos critérios de inclusão tiveram os títulos e resumos lidos e se realmente interessaram foram baixados.

Buscou-se obtenção de informações a respeito da realidade das escolas em relação a agressividade e ao fenômeno *bullying* a partir da literatura existente sobre o assunto com o propósito de identificar a participação de alunos, professores e toda comunidade escolar e como se empenham no combate destes fenômenos.

3. REVISÃO DE LITERATURA

3.1 Agressividade

O comportamento agressivo do ser humano é objeto de grande interesse em diversas áreas de estudo. De acordo com Biaggio (1985), na Psicologia, mais especificamente na subárea da Psicologia do Desenvolvimento a agressividade é um dos temas mais importantes a serem tratados principalmente pela sua importância para a sobrevivência da espécie humana.

Na Pedagogia, Pesce (2008), observa que a agressividade prejudica e muito os alunos na rede escolar no que diz respeito principalmente na tarefa do educar visto que os alunos são vistos como crianças-problemas e a maioria dos professores isolam essas crianças e não oferecem a devida atenção a elas. Sendo assim elas passam a não gostar das aulas, deixam de fazer os trabalhos e os deveres de casa e, portanto, deixam o aprendizado de lado.

Já a Biologia, segundo Biaggio (1985), interpreta a agressividade como um instinto. Indo nessa mesma linha de pensamento Di Biase (1921), explica que mesmo com surgimento de seres superiores, o homem ainda permanece com reflexos primitivos. Esses simples e primitivos reflexos ainda aparece e repete na existência humana, Di Biase (1921) explica da seguinte maneira:

Quando eles se organizaram e se repetiram a ponto de se fixarem nos ADN (ácido desoxirribonucleico) sendo, portanto, transmitidos geneticamente constituíram os instintos e, posteriormente, os hábitos (Di Biase, 1921, p.150).

Di Biase (1921) propõe a seguinte questão, agressividade é um instinto?

Segundo Di Biase (1921) a agressividade surge nos primeiros estágios de existência e que é um meio de sobrevivência. Ela vem acompanhada de vários sentimentos como: rancor, irritabilidade, raiva, cólera, fúria, ódio.

Di Biase (1921) mostrou ainda que esses instintos permanecem fixados na nossa memória biológica e passa a ser transmitido às futuras gerações e que os seres vivos possuem emoções inatas que encaminham as relações como meio onde vivem e orientam os comportamentos até mesmo os mais simples. Apesar de acreditar que a agressividade possa ser um instinto de sobrevivência ela ultrapassou essa fase e vem

alterando as maneiras de exteriorização segundo Di Biase (1921) a agressividade tomou novos rumos e aspectos:

Sua modalidade mais simples corresponde a um processo interior contra um fato que se concebe inadequado à nossa satisfação, uma simples exaltação. Em uma segunda etapa instala-se a fase ofensiva e, posteriormente o seu desencadeamento. Desse modo, os homens utilizam sua agressividade em seu próprio benefício, sob o beneplácito da justiça que criaram, não se sabe porquê (Di Biase, 1921, p.164-165).

Apesar de alguns considerar agressividade um instinto outros defendem que se deve desconsiderar esse paradigma “instintual” e entender a perspectiva real do problema e entender que o ambiente é fundamental para manutenção ou aquisição da agressividade (MAYR,1998).

A agressividade participa do processo evolutivo dos seres vivos e ainda mesmo sendo vista como um instinto, seres humanos e animais agem de forma distinta no controle da agressividade, Biaggio (1985) afirma que:

Nas espécies subumanas, os animais, no decorrer do processo evolutivo, teriam desenvolvido inibições que os impedem de destruir membros da própria espécie. Quando os animais atacam outros de sua espécie fazem-no de maneira ritualizada e inofensiva e as vítimas emitem sinais de apaziguamento que instintivamente inibem o ataque do agressor. O homem seria dotado desse mesmo instinto agressivo que os animais, porém essa agressão é mal controlada porque o homem não tem as inibições inatas contra matar ou ferir membros da mesma espécie (Biaggio, 1985, pag.156).

Pesce (2008) entende que crianças com comportamentos agressivos devem ser entendidas dentro de um sistema biológico e psicológico inseridos em diversificados meios: social, cultural, político e econômico.

Cada criança tem um jeito distinto, uma forma de estar no mundo. Pesce (2008) explica que algumas crianças são mais sensíveis, outras menos, umas mais ativas, outras mais calmas:

O temperamento de cada criança é moldado por componentes genético e pelo meio em que vive: também influencia a maneira como a criança “encara” o mundo a sua volta, e conseqüentemente a sua forma de pensar, sentir e agir. Embora seja um atribuo inato, é muito influenciado pelas experiências sociais (Pesce, 2008, pag.22).

Para Di Biase (1921) o ser humano usa a agressão como fator de ascendência social sendo assim vê que a agressividade tornou novos rumos e aspectos. Ela ainda pode ser vista como desejo de poder e ambição. Pode ainda ser vista como um comportamento que tem por objetivo intimidar outra pessoa para afirmar a sua vontade.

Para Biaggio (1985) a agressividade pode ser vista como sequência de comportamentos onde o objetivo é causar danos a outra pessoa obtendo para si alguma vantagem. Seguindo essa mesma linha de pensamento Shaffer (2005), propõe que a agressividade tem a intenção de machucar ou causar dano a alguém que esteja no caminho de alguma realização que se almeja.

Winnicott (1987) reforça que a agressividade é o comportamento antissocial na vida adulta constituem um processo que se inicia precocemente e está estreitamente ligado ao desenvolvimento infantil, pois parte de que houve falha em algum momento e a agressividade é uma reivindicação ao ambiente para o retorno onde houve essa falha. A agressividade pode ser vista então como uma reivindicação ao ambiente de aspectos que o indivíduo não teve oportunidade de vivenciar durante seu desenvolvimento. Seja qualquer tipo de agressividade ou violência que aqueles que a presenciam ficam chocados, mas pouco procuram fazer algo para combatê-la.

O ambiente familiar demonstrou ser de extrema importância pois crianças agressivas parecem viver em ambientes familiares onde seus membros sempre brigam e discutem entre si. Ambientes familiares problemáticos são conhecidos como ambiente familiar coercivo ou seja ambiente onde os membros familiares normalmente provocam um ao outro e fazem uso de táticas agressivas ou antissociais como um método de enfrentamento com tais experiências aversivas (SHAFFER 2005).

Shaffer (2005) justifica que o ambiente familiar tem grande influência sobre as crianças e que lares que possuam problemas desse âmbito afeta a todos que convivem nesse ambiente, nas palavras dele:

O fluxo de influências no ambiente familiar é multidirecional: interações coercivas entre pais e filhos e entre as crianças afetam o comportamento de todos na família e contribuem para o desenvolvimento de um ambiente familiar coercivo – terreno fértil para a agressividade (Shaffer, 2005, p. 498-499).

As crianças que possuem problemas de agressividade são vistas pela família e até mesmo pela escola como um incômodo, um grande problema, mas Pesce (2008), afirma que essas crianças muitas vezes são mais vítimas do que réus e a infância dessas crianças por muitas vezes é cheia de maus-tratos.

A dificuldade em lidar com a agressividade acomete tanto pais, professores e todos os outros envolvidos. Pesce (2008) afirma que essas crianças quase sempre são rotuladas como “crianças-problemas” “difíceis” ou “doentes”, estigmas que de tão repetidos, tornam-se difíceis de serem desvinculados pela criança, sob o risco de não se sentirem mais elas mesmas (ANDRADE, 2007).

Pensando nessas crianças que são consideradas difíceis alguns autores identificam como sendo esses problemas de saúde mental e explicam que alguns cometem erros buscando solução em outras áreas, pensando assim Pesce (2008) explica o seguinte:

Na área da saúde, educação e assistência social estamos mais acostumados a identificar problemas mentais e atuar sobre eles do que investir na promoção da saúde mental das crianças, o que deveria ser nossa principal meta (Pesce, 2008, p. 59).

O Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais, um documento da OMS (2002), engloba o transtorno de conduta e transtorno desafiador opositivo diagnosticados pela primeira vez na infância e adolescência. O manual, explica da seguinte forma:

- Transtorno de conduta: engloba atos agressivos a pessoas e animais destruindo propriedades, defraudação ou furtos e violações de regras sociais e possui um padrão repetitivo. Os transtornos de conduta com início na infância são mais sérios, com altos níveis de agressão, podendo persistir na adolescência e vida adulta.
- Transtorno desafiador opositivo: comportamento negativista, desafiador e hostil para com figuras de autoridade. Ao se apresentar na infância, torna-se importante preditor do comportamento agressor em jovens.

Para Pesce (2008) a agressividade é comumente precedida pelo transtorno desafiador e pode evoluir para diferentes transtornos de personalidade, de humor, de ansiedade e aos relacionados com o abuso de substâncias químicas.

Pesce (2008) afirma que a agressividade se desenvolve em contextos sociais e familiares marcados por conflitos, Assis (2004) ainda esclarece que vários aspectos podem facilitar o seu desencadeamento:

- Falhas no estabelecimento de vínculos afetivos com pais e substitutos;
- Privação afetiva nos anos iniciais da infância;
- Incapacidade dos pais em impor limites ou estabelecimento da disciplina;
- Imitação/aprendizagem e comportamentos agressivos e transgressores do meio;
- Componentes autodestrutivos na criança como um teste de capacidade de se preocupar, cuidar e dar limites.

3.2 Tipos/categorias de agressividade

Os comportamentos agressivos se dividem em categorias como explica Shaffer (2005):

- Agressividade hostil: o objetivo do agressor é prejudicar ou machucar a vítima.
- Agressividade instrumental: o objetivo de quem agride é obter algum objeto ou acessos a espaços.
- Agressividade retalhadora: são provocações reais ou imaginárias onde buscam o contra-ataque, surge quando a única maneira de se defender é através da violência
- Agressividade relacional: há a exclusão, aceitação, ou afastamento de amigos ou adversários como intuito de atingir a autoestima da vítima ou lesar seu status social.

A agressividade ainda possui dois lados onde os indivíduos são caracterizados de acordo com suas ações. Shaffer (2005) explica que:

Agressores proativos são pessoas extremamente agressivas e que realizam atos agressivos com facilidade e que se apoiam na agressividade como meio de resolver problemas sociais. Agressores reativos pessoas que demonstram alto índice de hostilidade, não conseguem controlar a sua raiva, desconfiam de pessoas e as vêem como adversários (Shaffer, 2005, p. 494).

Silva (2000) acredita que problemas de comportamento são considerados como comportamentos socialmente inadequados, representando déficits ou excedentes comportamentais que prejudicam a interação da criança com os pares e adultos de sua convivência.

A agressividade pode ser vista e manifestada em várias fases do desenvolvimento humano desde a infância mostrando várias formas e funções durante o curso da vida. Pesce (2009) afirma ainda que ela pode persistir e agravar.

A agressividade que persiste na infância pode transformar-se em um comportamento violento ao longo do tempo formando assim um ciclo de tendência antissocial. Winnicott (1987) acredita na saída dessa tendência antissocial:

Para ele a ajuda deve vir cedo para essas crianças, em forma de um ambiente físico estável, senão essas mesmas *crianças "nos obrigarão mais tarde a fornecer-lhes estabilidade sob forma de um reformatório ou, como último recurso, das quatro paredes de uma cela de prisão"*. (Winnicott 1987, p.125).

É esperado que a criança em algum momento da infância tenha algum comportamento agressivo principalmente nesse momento de individualização ou egocentrismo.

Até os dois anos a criança pode ser mais agressiva para obter atenção, então ela derruba móveis, morde pessoas e coisas. Existem situações em que as crianças tomam atitudes de bater a cabeça, vomitar, dar socos e pontapés quando é irritada por outras crianças, Shaffer (2005) explica ainda que, a agressividade não desaparece por completo como passar do tempo, apenas a criança aprende que existem outros meios de conseguir aquilo que se deseja ou defender aquilo que se quer. Até os dois anos de idade a criança tende a ser agressiva para obter atenção dos pais, professores e outros ao seu redor consistindo assim em fazer atividades como derrubar móveis, morder coisas e pessoas. Para Shaffer (2005), a agressão começa a diminuir a partir dos dois anos de idade pois a criança passa a possuir a capacidade de controlar as emoções, de comunicar-se pela linguagem e de exprimir suas frustrações de maneira mais construtiva.

Com o passar dos anos, a agressividade diminui mas toma vários rumos de acordo com as situações se tornando cada vez mais maliciosas. Shaffer (2005) afirma que meninas tendem a ter uma agressividade relacional já os meninos praticam atos de roubos, má conduta e abuso de substâncias ilícitas. Berger (2003) diz que a

agressão instrumental aumenta muito entre 2 a 6 anos de idade mas a agressão instrumental aumenta assustadoramente mais entre os meninos que nas meninas, portanto a agressividade relacional afeta mais as meninas e Berger (2003) afirma ainda que essa agressão pode ser por vezes trazer mais danos que a própria agressão física.

A diminuição da agressão física na maioria das crianças a partir dos dois anos não significa que a competição diminua, pois, elas aprendem outros meios para obter o que desejam, por exemplo, através da intimidação e da agressão verbal ou por meio da troca e da partilha. O desenvolvimento das habilidades sociais, como partilhar, esperar sua vez, ajudar o outro e fazer as pazes, proporciona à criança outras maneiras de atingirem seus fins e de evitarem deliberadamente os conflitos (SHAFFER, 2005).

Para Shaffer (2005) as vítimas podem ser divididas em dois grupos: o primeiro é o das vítimas passivas de agressão que engloba crianças de personalidades tímidas, ansiosas, de baixa autoestima e atormentadas pelos colegas, mesmo sem terem provocado os agressores. O segundo grupo é o das vítimas provocativas de agressão que se refere à crianças inquietas, com o temperamento facilmente irritável e também constantemente provocam aqueles que estão ao seu redor.

A escola possui um importante papel de construção na vida da criança, Pesce (2008) entende que a escola não funciona como um fator de risco para a agressividade mas alguns fatores no ambiente escolar facilitam o desenvolvimento desse comportamento.

Alguns fatores que tem uma forte relação com problemas de comportamento são o contexto familiar e os aspectos socioculturais, mas a importância de se conhecer os aspectos emocionais para uma melhor compreensão desse comportamento, Pesce (2008) explica que a agressividade costuma resultar de diversos fatores e não está relacionada somente com a violência vivida na infância. Vários fatores juntos com a violência que desencadeiam comportamentos agressivos como explica Pesce (2008):

Quando falamos em violência, estamos nos referindo a várias formas de violação dos direitos humanos da criança, negando-lhes a liberdade, a dignidade, o respeito e a oportunidade de crescer e se desenvolver em condições saudáveis. A violência pode alcançar a criança nos seus diversos âmbitos de convivência, ou seja, no seu seio familiar, escolar, na vida comunitária e na sociedade em geral. Podemos especular que o cruel panorama como vivem criança e

adolescentes, vítimas de violência estrutural, se reflete no fenômeno da violência familiar, escolar e comunitária, espaços privilegiados tanto para socializar e estabelecer afetos quanto para constituir-se num reprodutor de violência. Destacamos ainda os prejuízos propiciados pelas condições de pobreza e pela escassez ou falta de acesso a serviços públicos básicos necessários para o desenvolvimento saudável da criança. (Pesce, 2008, p.33)

Segundo Leme (2004) e Del Prette (2003) a agressividade causa muitos danos à família, escola, trabalho e ela contribui para o aumento da violência social. A agressão é vista como forma de resolução de conflitos através da força física ou psicológica ocasionando transtornos para ambas as partes, tanto para o agredido quanto para o agressor. E seguindo essa linha de pensamento onde a intenção é causar danos a outra pessoa determina-se como comportamento antissocial (DEL PRETTE, 2003). O autor defende ainda que, a agressividade geralmente é vista como uma inadaptação social, uma manifestação de antissocialidade que convém neutralizar por meio de programas de prevenção e de intervenção curativa, embora faça parte, mas também muitas vezes, deve-se entendê-la como um comportamento adaptativo e funcional não podendo ser considerada, nestes casos, um indício de comportamento antissocial.

Deve-se entender portanto que existem diferenças entre agressividade e violência, a diferença consiste na proporção do dano que cada uma causa. Violência é agressão, mas muitos comportamentos agressivos não são violentos. Ferreira (1999) explica que agressão é o ato de agredir, encadear condutas hostis e destrutivas. De acordo com a definição de Ferreira (1999), a violência pode ser descrita da seguinte maneira:

Violência deriva do latim *violentia*, significando a qualidade de violento, qualidade daquele que atua com força ou grande ímpeto, empregando a ação violenta, opressão ou tirania, ou mesmo qualquer força contra a vontade, liberdade ou resistência de pessoa ou coisa. Pode significar, ainda, constrangimento físico ou moral exercido sobre alguma pessoa para obrigá-la a submeter-se à vontade de outrem. (Ferreira, 1999. p. 77).

A violência causa danos extremos como a morte já a agressão não é tão intenso. Pensando nesse dilema, assim observa-se que, quando uma criança empurra outra ao disputar um brinquedo é agressiva, mas não é necessariamente violenta.

Alguns documentos importantes relatam a situação preocupante que a violência traz para os brasileiros. Documentos da Organização Mundial da saúde (OMS, 2002)

afirma que, a violência constitui um dos principais problemas de saúde pública no mundo. De acordo com o Ministério da Saúde (2009) a violência ocupa o terceiro lugar no ranking de mortalidade. Diversos estudos têm mostrado os prejuízos que a violência praticada nos lares pode acarretar na infância, fase da vida crucial para o desenvolvimento humano (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2004).

Justifica então a necessidade do reconhecimento precoce para se realizar intervenção necessária o mais cedo possível no sentido de promover a saúde infantil.

Para Piaget a criança está em um momento em que tudo e todos devem estar em função dela e essa fase é conhecida como egocentrismo.

O egocentrismo infantil, longe de constituir um comportamento antissocial, segue sempre ao lado do constrangimento adulto. O egocentrismo só é pré-social em relação à cooperação. É preciso distinguir, em todos os domínios, dois tipos de relações sociais: a coação e a cooperação, a primeira implicando um elemento de respeito unilateral, de autoridade, de prestígio; a segunda uma simples troca entre indivíduos iguais. (Piaget, 1977, p. 53)

Entendendo que cada criança é única e possuem diferenças entre si deve-se saber que podem ter diferentes graus de agressividade e em diferentes fases da infância. No caso específico da infância, tal como investigado por Winnicott (1956/1987), uma criança pode tender a manifestar a agressividade, enquanto outra pode não manifestá-la mesmo que a possua. Essas crianças encontraram maneiras diferentes de manejar suas cargas de impulsos agressivos, o que depende muito do ambiente em que ela vive, ou seja, da qualidade das relações que se constituem no curso do seu desenvolvimento pessoal.

Além disso, de acordo com Winnicott (1939/1987), dificuldades no processo de interação dos pais e/ou cuidadores com a criança, principalmente nos dois primeiros anos de vida, podem contribuir para a configuração de distúrbios do desenvolvimento, inclusive dificuldade de controlar os próprios impulsos, falta de empatia e capacidade reduzida de solução de conflitos, que são aspectos identificados nos estudos sobre agressividade. Apesar de entender a agressividade como inerente à natureza do estar vivo humano, ele a considera também passível de sofrer modificações em suas características pela relação com o ambiente. Shaffer, (2005), acredita que a maioria dos comportamentos agressivos problemáticos tem sua raiz durante a primeira infância.

Winnicott (1939) entende que os comportamentos agressivos e as reações agressivas da criança tendem a diminuir se em processo de amadurecimento emocional, tem suas necessidades suficientemente atendidas pelo ambiente cuidador.

A agressividade tanto no ambiente escolar quanto familiar é um problema de grande contingência e que merece muita atenção porque os danos causados posteriormente poderão ser irreversíveis.

A escola, ao lado da família, é considerada um contexto de socialização e de formação do indivíduo, no qual ele terá acesso a pessoas diferentes do seu círculo de interação primário, formas específicas de organização, regras, conhecimento formal e também formas de cuidado.

A relação entre escola, família e comunidade pode favorecer uma melhora nas relações entre os indivíduos. Ao se abrir para novas parcerias, a escola pode incluir no seu cotidiano um espaço de reflexão para o alcance dessa meta.

A escola também possui um papel importante para as crianças que sofrem desse transtorno antissocial mas muitos professores não conseguem lidar com essa situação. Silva (2006) afirmam que:

Os professores também manifestam sua agressividade através de diferentes formas de evasão, com seu desinteresse pelo trabalho, acomodação, mudança de escola, abandono do emprego e até da profissão. (Silva, 2006, p.89)

Winnicott (1956) aponta a escola como ambiente propício à manifestação agressiva, nos casos em que: 1) a criança não encontrou continência necessária aos seus impulsos no seio familiar e 2) apresenta esperança e confiança de que a escola possa cumprir essa função.

Quando pensamos na educação dos filhos nos deparamos com a seguinte questão. O que esperar dos filhos quando crescerem?

Shaffer (2005) realizou uma pesquisa onde houve a participação dos pais e pelos relatos destes, concluiu que querem que seus filhos adquiram um forte senso moral, que evitem machucar os outros, que tenham uma preocupação pró-social e o compromisso de seguir e respeitar as regras. E a agressão é um tipo de comportamento que os pais mais reprimiam.

Para Shaffer (2005), é difícil entender que as crianças quando estão com raiva e batem nas pessoas se pode ser visto com intenção de agressividade.

A televisão é um importante meio de comunicação e que reflete grande influência nas crianças. Para Strommen (1986), crianças que assistem programas agressivos tendem a ter menos paciência e são menos capazes de tolerar a espera, obedecer as regras e a exercer autocontrole e a ter um nítido aumento nos atos agressivos contra outras pessoas. Ainda seguindo essa mesma linha de pensamento Strommen (1986) observou que a televisão trouxe comportamentos positivos mas depende muito da programação, mas há pouca programação para crianças em idade escolar visando o desenvolvimento social.

3.3 Agressividade, *Bullying* e a Educação Física Escolar

A diferença entre agressividade e o *bullying* é tênue. A agressividade aborda um contexto mais geral dos excessos de abusos, incluindo atos que machucam, mas não acontecem sempre e não afetam várias vezes o mesmo indivíduo, já o *bullying* é composto pelas muitas faces da agressividade englobando atitudes que oprimem e machucam os mais fracos. Além disso, no *bullying*, ocorre a discriminação dos indivíduos por membros de seu grupo de convívio, de maneira intencional e repetidamente.

Oliveira e Votre (2006) explica o *bullying* com o exemplo: se algum ato de agressividade em um jogo na aula de Educação Física se tornar corriqueiro e acidentalmente uma vítima, dali para frente, recorrentemente, se tornar alvo de piadas, agressões físicas e deboches, sem que o professor ou os membros do grupo tomem consciência de que esta recorrência esteja ocorrendo, o fenômeno *bullying* estará caracterizado.

Oliveira *et al* (2013) explicam que o *bullying* é uma palavra de origem inglesa que serve para descrever atos de agressão física e psicológica, intencionais e repetitivos podendo ser praticados individualmente ou em grupos com intuito de intimidar ou agredir alguém.

Já Lopes Neto e Saavedra (2003) explicam o *bullying* da seguinte forma:

Refere-se ao comportamento de crianças e adolescentes “prepotentes e agressivos, tais como colocar apelidos, ofender, humilhar, discriminar, intimidar, perseguir, assediar, aterrorizar, agredir, roubar

e quebrar pertences”. Podem também ocasionar perda de interesse ou medo de frequentar a escola (Lopes Neto e Saavedra, 2003, p.128).

Ao passo que Botelho e Souza (2007) também colabora para o entendimento do *bullying* da seguinte maneira:

O fenômeno *bullying* compreende todas as formas de atitudes agressivas, intencionais e repetidas (de maneira insistente e perturbadora), que ocorrem sem motivação evidente e de forma velada, sendo adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), dentro de uma relação desigual de poder. Este tipo de violência se manifesta, sutilmente, sob a forma de brincadeiras, apelidos, trotes, gozações e agressões físicas (Botelho e Souza, 2007, p. 197).

Lopes e Saavedra explicam que o *bullying* se caracteriza por ações diretas onde existem as agressões físicas (bater, chutar, tomar pertences), agressões verbais (apelidos, insultos, atitudes preconceituosas) e ações indiretas como a emocional (disseminação de histórias desagradáveis, sobre outros, para que a pessoa seja discriminada e excluída de seu grupo social).

O *bullying* mesmo que de forma disfarçada tem o intuito de maltratar e intimidar causando prazer e diversão em quem o pratica. Para Oliveira e Votre (2006) o *bullying* é, uma violência ocorrida por palavras, gestos e ações e na escola geralmente passa quase que imperceptível pelos educadores porque se dão longe dos olhos e ouvidos e nem sempre deixam marcas corporais e ocorre onde a vítima não tem como se defender, pois está longe de pessoas que poderiam defendê-la e pela sua fragilidade não tem alternativas ou recursos para defender-se. Oliveira e Votre (2006) explica da seguinte maneira:

O conceito mapeia o universo dessa tirania de forma bastante precisa: é um comportamento cruel, portanto marcado pela intencionalidade em atingir objetivos eticamente condenados; é intrínseco nas relações interpessoais, e que pode verificar-se sempre que duas ou mais pessoas interagem, convivem, compartilham espaço de qualquer natureza: trabalho, estudo, lazer, jogo, esporte, brincadeira; é assimétrico, perpetrado pelos mais fortes, mais velhos, detentores de mais poder, de mais controle sobre os demais; os mais frágeis, mais novos, menos poderosos, são convertidos em objetos de diversão e prazer, de modo a provocar o riso, a galhofa, a ironia, o sarcasmo; o instrumento de tortura é a brincadeira verbal, o chiste, a anedota, o apelido, ou a ação aparentemente inocente e sem malícia, que disfarça, esconde, escamoteia o propósito de maltratar, desautorizar, humilhar e intimidar (Oliveira e Votre, 2006, p. 174)

O *bullying* possui várias faces mas que todas causam danos extremos em ambas as partes tanto aos agressores quanto as vítimas. Fante 2005 (*apud* Botelho e Souza, 2007) divide o *bullying* em quatro categorias de acordo com o envolvimento:

- Alvos (vítimas): são aqueles que apenas sofrem o *bullying*, são inseguros e tem problemas de adaptarem aos grupos de alunos. Possui aspectos diferenciados impostos pelos colegas e acabam ficando com baixa autoestima por causa da indiferença dos adultos sobre o seu sofrimento. São passivos, quietos e não reagem aos atos que sofrem dos colegas. As consequências provocadas nesse grupo são de medo, estresse, dificuldade de auto aceitação e auto expressão, podendo desenvolver doenças psicossomáticas, o desempenho escolar diminui consideravelmente e eles podem até simular doenças para não frequentarem a escola. Desenvolvem quadros de doenças como depressão e ansiedade e que mais tarde podem vir a causar danos gravíssimos como dificuldade de se adaptar no ambiente de trabalho e até mesmo o suicídio.
- Alvos/autores (vítimas agressoras): são aqueles que praticam os dois lados do *bullying*, ou seja, ora praticam e ora sofrem. Eles tentam descontar em colegas mais vulneráveis as agressões sofridas por eles.
- Autores (agressores): são aqueles que só exercem o *bullying*. Tem pouca ou nenhuma afinidade pelos seus colegas e geralmente são mais fortes do que eles e usam isso para tirar vantagens nos esportes, brincadeiras e lutas. Geralmente a família destes é desestruturada e por vezes tem pouco ou nenhum relacionamento afetivo com seus membros familiares. Nesses lares problemáticos, os pais não exercem supervisão sobre o comportamento dos filhos e por muitas vezes também possuem comportamentos violentos para solucionar os conflitos familiares e isso leva ao caminho do vandalismo, roubo, uso de drogas lícitas e ilícitas. Existe uma grande probabilidade de se tornarem adultos com comportamentos antissociais e agressivos como brigas frequentes e lesões relacionadas a estas, porte de armas, seguir os caminhos do crime e da delinquência.

- Testemunhas (espectadores): são aqueles que não sofrem e nem praticam mas são testemunhas pois convivem no ambiente onde ocorre. A maioria dos alunos se encaixa nessa categoria mas permanecem em silêncio por medo de serem as próximas vítimas desses atos violentos e passam a considerar a escola um lugar inseguro quando esta não toma as devidas providencias no combate ao *bullying*. As consequências do *bullying* na vida destes é a falta de iniciativa de qual providência devem tomar pois se veem inseguros e sentem incômodo com a situação que presenciam mas por estarem em um ambiente inseguro preferem não interferir.

Pensando mundialmente em relação aos envolvidos com o *bullying*, Fante (2005) apresentou dados preocupantes. Ela relata que entre 7% e 24% das crianças estão envolvidas diretamente com esse fenômeno, sendo vítimas ou agressoras.

Botelho e Souza (2007) ainda explica que o fenômeno do *bullying* vem sendo estudado recentemente, apesar de ser possível afirmar que o fenômeno seja antigo. Nesse sentido Oliveira et al (2013) informa que já haviam relatos de *bullying* nas escolas da Suécia desde 1970, pois as escolas junto com a sociedade já buscavam possíveis soluções para o problema, tentavam entender as suas causas e discutiam métodos de prevenção do fenômeno.

Silva (2009) ilustrou um fato ocorrido em 1983 na Noruega, onde uma estudante matou três colegas (entre 10 e 14 anos) em consequência dos maus tratos que esses colegas a submetiam. A partir desse episódio o fenômeno do *bullying* passou a ter mais destaque.

Silva (2009) lembra que, esse fenômeno já foi descrito em várias obras literárias nas quais algumas pessoas tiveram algum envolvimento, como vítimas ou praticantes. Assim, há relatos de adultos que descrevem suas proezas no tempo em que foram estudantes ou mesmo em outros contextos, como em prisões, asilos, empresas e em reuniões familiares. Dessa forma é possível afirmar que mesmo sem a definição utilizada para o fenômeno do *bullying* atualmente, os atos já existiam, sendo descritos inclusive pelos autores/agressores seguindo a denominação de categorias proposta por Fante, 2005.

No Brasil, nas últimas décadas, as ações de prevenção vem ganhando destaque em programas exibidos pela televisão nos quais os métodos de prevenção são explicados e as experiências exitosas são descritas. Mas apesar disso muitos não tem dado a devida importância para esse fenômeno, apesar dos dados alarmantes e das enormes consequências que isso pode trazer, Silva (2009) esclarece que em muitos lugares do Brasil esse fenômeno não é devidamente identificado ou apenas é entendido como algo corriqueiro sendo tratado como brincadeira ou acontecimento natural da faixa etária.

Ainda no Brasil, alguns programas foram criados pensando nesse problema. Lopes e Saavedra (2003) explicam que um dos programas brasileiros mais divulgados é o da ABRAPIA (Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e a Adolescência) que criou o Programa de Redução do Comportamento Agressivo entre Estudantes mas antes, realizou uma pesquisa para observar se o *bullying* se fazia presente nas escolas no ano de 2002. A pesquisa da ABRAPIA aconteceu no estado do Rio de Janeiro e envolveu 5875 estudantes de 5ª a 8ª séries e apresentou como principal resultado: 40,5% desses alunos admitiram ter participado diretamente de atos de *bullying*, sendo 16,9% vítimas, 10,9% vítimas/agressores e 12,7% agressores (LOPES E SAAVEDRA, 2003).

Botelho e Souza (2007) apresenta outro programa que merece destaque, o "Programa Educar para a Paz" criado pela professora Cléo Fante no qual, após a identificação do *bullying*, se fazia a aplicação de estratégias psicopedagógicas para combatê-lo. Esse programa *anti-bullying* foi implantado na cidade de São José do Rio Preto entre junho de 2002 a julho de 2004 na Escola Municipal Luiz Jacob e contou com a participação de 450 alunos de 1ª a 8ª séries. Esse programa identificou que 67% dos alunos estavam envolvidos em *bullying*, 26% eram vítimas, 22% eram agressores e 19% eram vítimas agressoras. Após o primeiro semestre de execução das estratégias psicopedagógicas *anti-bullying*, os resultados caíram para 10% e no final de dois anos, havia apenas 4% de alunos envolvidos com o *bullying* (LOPES E SAAVEDRA, 2003).

A ABRAPIA com sua pesquisa deu o passo inicial para disseminação do tema na sociedade e a partir disso a mídia passou a se interessar mais pelo assunto. Além das instituições de ensino, o *bullying* pode ocorrer em universidades, no trabalho, na

vizinhança, dentre outros locais e nas escolas, geralmente ocorre em áreas com supervisão adulta mínima ou inexistente (CONFEEF, 2010).

De acordo com a Revista EF, CONFEEF (2010), o professor de Educação Física tem muito a contribuir com os outros professores, pois é o único docente que está presente em todas as etapas da Educação Infantil e do ensino Fundamental. O professor tem que estar atento e supervisionando a aula pois de acordo com este documento o professor de Educação Física deve se fazer presente na escola, propondo atividades que sejam compatíveis com as características dos alunos, melhorando a autoestima deles”.

Já Fante (2005) *apud* Silva (2013), defende que o professor deve sempre estar atento as atitudes dos seus alunos, porque a indicação de que algo não está bem e que o *bullying* possa estar presente, pode surgir de atitudes sutis. Alguns comportamentos que possam indicar a presença de *bullying* no ambiente escolar são: insegurança e ansiedade ao falar na frente dos demais colegas; preferência em ficar isolado do grupo ou próximo do professor ou de algum adulto; nos jogos em equipe sempre é sempre o último a ser escolhido; desleixo com tarefas escolares; quase sempre está triste, aflito, deprimido; pode apresentar contusões, arranhões, roupas rasgadas; frequentemente perde seus pertences, falta às aulas repetidamente. O professor também deve estar atento aos comportamentos de alunos que possam atuar como agressores, dentre os quais podemos citar: brincadeiras de mau gosto; hostilidade; apelidos; faz ameaças e dá ordens; pega materiais, lanches, dinheiro sem o consentimento da vítima.

Para Botelho e Souza (2007), um ótimo recurso para combater o *bullying* é identificar qual o papel dos alunos, identificando qual o grau de envolvimento de cada um e posteriormente utilizar as aulas de Educação Física para aplicar conceitos de ética nas atividades desenvolvidas durante as aulas.

Lopes e Saavedra propõe que as estratégias para prevenção do *bullying* deve ser iniciada desde a educação infantil pois quanto mais precoce forem as intervenções melhores serão os resultados.

Apesar do *bullying* ser um problema, ele é visto pelos alunos como uma coisa trivial. Oliveira e Votre (2006) afirmam que os autores dessa agressão alegam estarem apenas brincando sem a finalidade de ferir, e as vítimas dessa situação tem medo de sofrerem retaliações e assim ficam caladas diante dos fatos.

Oliveira *et al* (2013) acredita que as consequências do *bullying* para a vida dos vitimados podem ser drásticas trazendo transtornos físicos e psicológicos como depressão, fobia social, anorexia, bulimia, transtornos obsessivos compulsivos e, nos quadros mais graves, homicídio e suicídio. E além disso concluiu que a escola deve agir em conjunto com os pais para tentar combater esse mal porque ele é mais comum e está mais frequente do que se imaginava, ocorrendo nas escolas, independente da tradição, localização e do poder aquisitivo dos alunos e que os professores são peças essenciais na detecção dos casos de *bullying* sempre com o intuito de diminuir e eliminar quaisquer atos de violência na escola. Para Botelho e Souza (2007) esse fenômeno atinge todas as escolas sendo primária e secundária, pública ou privada; rural ou urbana; católica, metodista, evangélica, espírita ou demais religiões não tendo exceção a nenhuma.

Em seu recente estudo Oliveira *et al* (2013) afirma a importância do professor entender o verdadeiro significado do *bullying*, pois alguns apenas generalizam como sendo qualquer tipo de agressão, ao passo que na verdade pode-se dividi-la em 43% de agressão física, 24% agressão verbal, 12% desrespeito e 23% violência. Mas esse problema é muito mais que isso, Fante (2005) explica que é um conjunto de agressões tanto verbais quanto físicas que se tornam repetitivas e intencionais que ocorrem sem motivação evidente, causando sofrimento, dor, prejuízos psicológicos e sociais. As pessoas que mais sofrem esse tipo de abuso são mais fracas e que possuem seria dificuldade para se defender.

Para Oliveira *et al* (2013) os lugares propícios para que ocorra o desenvolvimento do *bullying* são aqueles onde as pessoas mais interagem e isso ocorre principalmente nas aulas de Educação Física. Nessas aulas os alunos nem sempre estão alinhados e sob o controle do professor, sendo assim esse problema deve deixar de ser visto como uma brincadeira de criança e aceito como um problema grave onde a intenção de causa dor, angústia, e danos psicológicos extremamente sérios às vítimas.

A Educação Física no contexto escolar tem uma função singular na vida dos alunos principalmente no que se refere a interação professor-aluno assim como na interação aluno-aluno, mas apesar disso Botelho e Souza (2007) explica que os momentos mais propícios que mais podem haver momentos de manifestações de *bullying* são nas aulas de Educação Física e na hora do recreio. Na hora do recreio ocorrem alguns problemas como falta de supervisão de professores, várias turmas

juntas e conseqüentemente alunos de diferentes idades em um mesmo espaço e não há atividades orientadas. Botelho e Souza (2007) afirma que o corpo docente de Educação Física deve tratar estratégias e identificar e analisar o grau de envolvimento dos seus alunos com o *bullying*.

Antes de tomar qualquer atitude Silva *et al* (2013) explica que os professores de Educação Física devem aplicar um questionário de pesquisa envolvendo todos os alunos, com os resultados da pesquisa irão determinar a prevalência, incidências e conseqüências do *bullying* em cada aluno. A partir dessa pesquisa, o corpo docente deve adotar algumas atitudes como informar, incentivar e discutir algumas implicações do *bullying*, definindo estratégias que devam ser aplicadas paulatinamente no dia a dia como a conscientização e a prevenção. O grupo que realizará as intervenções deve ser composto por pais, alunos, funcionários e professores definindo assim coletivamente as ações a serem priorizadas e as táticas adotadas.

Silva *et al* (2013) propõe que se ofereça aos alunos a oportunidade de criar as regras de disciplina para a classe, mas que essas regras se enquadrem nas regras da escola para não gerar contradição e ainda dar a oportunidade aos alunos de buscar soluções e modificar o comportamento e o ambiente.

Ainda seguindo a linha de pensamento de Silva *et al* (2013) sobre as estratégias de combate ao *bullying*, a autora propõe ainda que desde o primeiro dia de intervenção se avise aos alunos que não será aceito nenhuma forma de *bullying* nas dependências da escola, além de solicitar o comprometimento de todos quanto a não praticar o *bullying* além de avisar a direção da escola sobre qualquer fato que caracterize o *bullying*. Durante as aulas de Educação Física, utilizar alguns minutos para gerar debates com os alunos sobre essa temática e gerar discussões que os leve a interagir e assimilar o assunto, estimulando a pesquisar no ambiente escolar, com seus colegas, funcionários e professores.

Oliveira *et al* (2013) em sua pesquisa realizada com professores de Educação Física, observou que todos já presenciaram ocorrências de *bullying* em suas aulas e as mais citadas pelos professores foram jogar um aluno no lixão, xingamentos ofensivos, isolamento, brigas de contato, discriminação racial e discriminação dos menos habilidosos e ainda nesse mesmo estudo os *bullying* presenciado pelos professores foi dividido em 55% agressões verbais, 25% agressões físicas e 20% isolamento e discriminação. Na busca das orientações que tiveram na graduação de

como lidar com esse problema como capacitação e preparação, 60% responderam que sim e 40% que não e das respostas afirmativas 69% assistiram a palestras, 23% orientações/discussões e 8% através de vídeos.

Na busca de entender se os professores tomam atitudes em relação aos fatos ocorridos na escola, Oliveira *et al* (2013) em sua pesquisa ainda fez os questionamentos sobre a posição do professor e chegou à conclusão de que 65% conversaram com os alunos envolvidos e 35% encaminharam para a direção/coordenação da escola. Mesmo os alunos sendo vítimas de *bullying*, um pouco mais da metade dos entrevistados afirmaram que as vítimas procuram ajuda, mais precisamente 54% dos professores afirmaram que sim. Os professores que disseram que foram procurados suas atitudes foram as seguintes 46% conversaram com os envolvidos, 31% encaminharam para a direção, 15% conversaram com a sala toda expondo o problema desse fenômeno e 8% chamaram os pais para uma conversa. E quando estes mesmos professores foram perguntados sobre o que acham da consciência dos alunos sobre o *bullying*, 56% acredita que os alunos tem consciência de todos os problemas relacionados ao *bullying* e 46% acredita que os alunos não tem consciência e que apenas acham que aquilo é só uma brincadeira que não machuca os colegas.

Existem algumas estratégias de intervenção nas aulas de Educação Física para combater ou minimizar o *bullying*. Segundo Botelho e Souza (2007) as estratégias têm que ter enfoque na ética e na axiologia enumera algumas como: construção da identidade moral que visa a clarificação de valores e execução de exercícios autobiográficos; aquisição de critérios de juízo moral onde se vê a importância de discutir dilemas morais em exercícios de “*role-playing game*” (RPG) que tem a característica de ser um jogo onde os jogadores muitas vezes fingem ser outra pessoa, tanto em épocas diferentes quanto nos dias atuais.

Com essas estratégias seria possível o desenvolvimento das capacidades de compreensão crítica dos diversos enfoques socioafetivos; exercícios de auto regulação; reconhecimento e assimilação de valores universalmente desejáveis e informações moralmente relevantes como exercícios de “*role-model*” (seria algo como modelo de conduta, algo ou alguém que exerça influência em crianças, adolescentes e jovens sendo assim sua obrigação ser um exemplo construtivo e positivo) e exercícios de construção conceitual; reconhecer e valorizar o fato de pertencer às

comunidades de convívio onde o enfoque são as habilidades sociais, resolução de conflitos e atividades informativas.

Para Botelho e Souza (2007) uma das principais estratégias citadas anteriormente para combater o *bullying* é a clarificação de valores em que consiste clarear, esclarecer pensamentos e condutas dos alunos quanto a esse fenômeno, consistindo em fazer perguntas com as partes que cometeu os atos de *bullying*. Perguntas como: o *bullying* é algo que o aluno aprecia; perguntar se ele está contente com o ocorrido; perguntar se ele se sentiu-se feliz com o que aconteceu; e perguntar se os atos de *bullying* possuem algum valor.

Botelho e Souza (2007) ainda aborda outra estratégia relevante que o professor de Educação Física pode adotar nas suas aulas no combate desse fenômeno, são os recursos pedagógicos que tem maior disseminação entre as crianças como materiais impressos, livros infantis e gibis que debatam criticamente o bullying.

Para Galvão (2002) deve-se entender que o professor está inserido em um contexto social e histórico onde seu bom desempenho depende, em parte, de como ocorreu essa formação, a autora ainda explica que nem sempre os conhecimentos adquiridos na formação são utilizados durante a prática pedagógica pelos professores de Educação Física.

Galvão (2002) aborda que o professor além da responsabilidade de transmitir conhecimento específico transmite também valores, normas, maneiras de pensar e padrões de conhecimento seja de forma consciente ou não.

Apesar das estratégias adotadas pelos professores de Educação Física, estes devem ficar atentos e tomar os devidos cuidados com as suas atitudes para não provocar efeito contrário à sua finalidade. Para Botelho e Souza (2007), o professor tem que tomar cuidado para não se converter em agressor, atentando algumas ações como as formas de fazer as correções para não rotular e ridicularizar alunos; depreciar o rendimento deles; preferir alguns e mostrar indiferença a outros; ameaçar, perseguir, apelidar e comparar entre eles.

No caso das intervenções que devem ser feitas no horário do recreio para se evitar o *bullying*, Botelho e Souza (2007) propõe que deve-se contar com a colaboração de todo corpo docente e demais funcionários da instituição; identificar os alunos em risco evitando que se tornem vítimas ou agressores; discutir com os alunos durante as aulas de Educação Física ações de prevenção; criar mais horários de recreio visando dividir

as turmas e evitando assim um grande contingente de pessoas; realizar atividade orientadas e evitar que os alunos realizem atividades físicas de forma intensa, agressiva e sem supervisão.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar da agressividade e do *bullying* serem fenômenos que afetam não só o ambiente escolar, mas a sociedade como um todo, a preocupação com formas de combate a estes fenômenos na escola é relativamente recente.

Existem pesquisas em diversas áreas de estudo como biologia, antropologia, pedagogia, sociologia, psicologia, intencionadas a entender os fenômenos, mas estas pesquisas, apesar de serem muito relevantes ainda não são suficientes para capacitar todos os envolvidos com o cotidiano da escola no enfrentamento desses dois fenômenos, principalmente na escola. As maiores colaborações vêm de artigos e livros a área da Psicologia, mas os estudos que investiguem esses fenômenos ainda são escassos na literatura científica brasileira.

Isso se reflete na escassez de instrumentos avaliativos brasileiros, justificando mais pesquisas no âmbito escolar brasileiro para buscar o entendimento sobre a origem, manifestações e combate desses fenômenos que afetam os ambientes escolares e familiares.

Para se ter sucesso no combate a esse mal que afeta a todos deve-se existir um trabalho com a participação da escola, pais, alunos, professores e toda comunidade.

Um dos principais compromissos do professor é lutar por uma educação de qualidade e inclusiva, o professor é uma peça fundamental para a vida dos alunos, pois ele tem o importante papel de ensinar possibilitando assim melhorias na educação e para a vida dos alunos que receberão estes ensinamentos, os alunos tem o dever de transformar o país melhorando assim o sistema educacional. Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda (PAULO FREIRE, 2000).

Lopes e Saavedra (2003) ressaltam a importância das intervenções contra o *bullying* sejam precoce, então entende-se a importância do professor de Educação Física junto com os demais professores de outras áreas trabalharem estratégias de prevenção desde a Educação Infantil acompanhando os estudantes pelo ensino fundamental e médio e trazendo como conteúdo específico das aulas de Educação Física.

Que esse trabalho sirva de continuação para estudos posteriores, estudos adicionais são recomendados, principalmente estudos capazes de analisar o

desenvolvimento da agressividade e do *bullying* e as estratégias de combate na infância e adolescência.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, E.V; **A descontinuidade entre agressividade e violência: uma contribuição psicanalítica às práticas educacionais.** Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

ASSIS, S.G; AVANCINI, J.Q. **Abuso psicológico e desenvolvimento infanto-juvenil.** In: Lima, C.S. **Violência faz mal à saúde.** Brasília, Ministério da saúde, 2004.

BERGER, K.S. **O Desenvolvimento da Pessoa – Da infância à Adolescência.** Traduzido por Fernanda Andrade Dias e Raquel Staerke Calvano. Revisão técnica por Cláudia Henschel de Lima. 5 ed., LTC editora, 2003.

BIAGGIO, A. M. B. **Psicologia do desenvolvimento.** 8. ed. Petrópolis: Vozes 1985.

BOTELHO, R. G; SOUZA, J. M. C. de. **Bullying e educação física na escola: características, casos, consequências e estratégias de intervenção.** Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO) - Niterói - RJ - Brasil. Revista de Educação Física 139, p. 58-70, 2007.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Violência faz mal à saúde.** Brasília: Ministério da Saúde; 2004.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Impacto da violência na saúde dos brasileiros/ Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde.** Brasília: Ministério da Saúde, 2009.

CORREIA, M. M. **Jogos cooperativos: perspectivas, possibilidades e desafios na educação física escolar.** Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Campinas, v. 27, n. 2, p. 149-164. 2006.

DEL PRETTE, A. & DEL PRETTE, Z.A.P. **Aprendizagem socioemocional na escola e a prevenção da violência: questões conceituais e metodologia da intervenção.** In Del Prette, A. & Z.A.P. Del Prette (Orgs.). **Habilidades sociais, desenvolvimento e aprendizagem: questões conceituais, avaliação e intervenção.** Campinas: Alínea, 2003.

DI BIASE, V. **O homem, a civilização, a agressividade.** Rio de Janeiro: Catedra Brasília: INL, 1921.

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE: lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, e legislação correlata – 9. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2010.

FANTE, C. **Fenômeno *Bullying***. São Paulo: Atlas, 2005.

FERREIRA, A. B. DE H. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FOURQUIN, J. C. **Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

FREIRE, P. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREUD, S. **O mal-estar na civilização**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

GALVÃO, Z. **Educação Física Escolar, a prática do bom professor**. Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte – p. 65-72, 2002.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

KOHL, M. O. **Aprendizado e desenvolvimento**. 1º Ed. São Paulo, Scipione, 2000.

LEME, M. I. S. (2004). **Educação: o rompimento possível do círculo vicioso da violência**. In M.R. Maluf (Org.). Psicologia educacional: questões contemporâneas (pp. 163-175). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

LOPES N. A. A, SAAVEDRA L.H. **Diga não para o *bullying* – programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes**. Rio de Janeiro: ABRAPIA, 2003.

MAYR, E. **O desenvolvimento do pensamento biológico**. Brasília: Editora da UnB, 1998.

OLIVEIRA, F. F de; VOTRE, S. J. ***Bullying* nas aulas de educação física**. Movimento. Porto Alegre, v.12, 2006, n. 02, p. 173-197, mai-ago. 2006.

OLIVEIRA, J.G de; SILVA, J; GUILHERME, C. C. F; BRIGATTI, M. E. ***Bullying* nas aulas de educação física: análise de casos sob a ótica docente**. Revista Científica da FHO|UNIARARAS v. 1, n. 1, p. 77-84, 2013

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Informe mundial sobre a violência e saúde**. Genebra: OMS. 2002. Disponível em: <<http://www.opas.org.br/cedoc/hpp/ml03/0329.pdf>> Acesso em: 10 abr 2016.

PIAGET, J. **O Julgamento moral da criança**. São Paulo, Editora Mestre Jou, 1977.

PESCE, R. **Violência familiar e comportamento agressivo e transgressor na infância: uma revisão de literatura**. Ciência & Saúde coletiva, 2009.

PESCE, R.P.; ASSIS, S.G. DE; AVANCI, J. Q. **Agressividade e transgressão em crianças: um olhar sobre comportamentos externalizantes e violências na infância**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/ENSP/CLAVES/CNPq 2008.

PROGRAMA DE REDUÇÃO DO COMPORTAMENTO AGRESSIVO ENTRE ESTUDANTES-2005. Disponível em: <www.bullying.com.br>. Acesso em: fevereiro 2005. Programa desenvolvido pela ABRAPIA.

REVISTA EF, CONFEF, **Bullying nas escolas: qual deve ser o nosso papel**, nº 37, 2010.

SHAFFER, D. R. **Psicologia do desenvolvimento: infância e adolescência**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning 2005.

SILVA A.T.B. **Problemas de comportamento e comportamentos socialmente adequados: sua relação com as habilidades sociais educativas de pais**. Dissertação. São Carlos (SP), Universidade Federal de São Carlos; 2000.

SILVA, M.F.B. **A violência escolar (fenômeno *Bullying*) no contexto gestão e democrática**. Dissertação (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia-MG, 2009.

SILVA, M. E. P. **Burnout: por que sofrem os professores?** Estudos e Pesquisas em Psicologia, Dissertação (Pós-graduação em Psicologia), Rio de Janeiro (RJ), Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

SILVA, A. P. da; CARVALHO, R. de; GERARDI, A. C. M. **Bullying: o papel do professor de Educação Física**. Faculdades integradas Stella Maris de Andradina, 2013.

STROMMEN, E. A. **Psicologia do Desenvolvimento**. Brasília, Campus, 1986.

SISTO, F. F. & FERNANDES, D. C. **Dificuldades linguísticas na aquisição da escrita e agressividade**. Psicologia Escolar e Educacional. LTC editora, 2003.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. J.; SILVERMAN, S. **Outros Métodos de Pesquisa Descritiva**. In: THOMAS, J. R.; NELSON, J. J.; SILVERMAN, S. **Métodos de pesquisa em atividade física**. São Paulo, Artmed, 2008

WINNICOTT, D. W. **A tendência antissocial. Em Privação e Delinquência**. São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1956). São Paulo: Martins Fontes, 1987.

_____. **Agressão. Em Privação e Delinquência**. São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1939). São Paulo: Martins Fontes, 1987.

_____. **Crianças sob estresse: experiência em tempo de guerra**. In D. W. Winnicott, **Agressão. Em Privação e Delinquência**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.